

O artigo “*No Silver Bullet*” mostra que não existe solução única para resolver todos os problemas de software. A complexidade essencial, ligada às regras e à lógica do negócio nunca some, enquanto a complexidade accidental, ligada a ferramentas, já foi bastante reduzida. Brooks aponta que a saída está em práticas como prototipação, crescimento incremental e valorização dos bons arquitetos de sistemas.

No Banco Mercantil, isso é bem visível. O setor bancário lida com transações críticas, conformidade com o Banco Central, integração com sistemas de pagamento, segurança contra fraudes e alta demanda de clientes. Tudo isso é complexidade essencial, não dá para eliminar. Assim, não existe uma “bala de prata” para modernizar o banco.

O que o Mercantil pode (e já faz) é seguir os caminhos:

- Comprar em vez de construir: adotar plataformas de mercado (como sistemas antifraude, biometria, open finance) que já são consolidadas.
- Prototipar e lançar aos poucos: exemplo, testar novos canais digitais (app, internet banking, PIX, investimentos) em versões menores, validando com clientes antes de expandir.
- Desenvolvimento incremental: em vez de trocar todo o core bancário de uma vez, modernizar módulos gradualmente (cartões, crédito, investimentos).
- Valorizar bons designers: arquitetos e analistas que conseguem prever o impacto de cada mudança e manter coerência do sistema no longo prazo.

Assim, o Mercantil não aposta em uma única solução milagrosa, mas sim em melhorias contínuas e estratégicas, alinhando tecnologia ao negócio. Isso garante segurança, confiabilidade e inovação, sem comprometer a estabilidade de um setor que exige máxima confiança dos clientes.